

A SABEDORIA AO ALCANCE DE TODOS

SUMARIO

OUTRORA E HOJE I

Glossário descritivo dos termos empregados no artigo anterior.

O Senhor dos Passos da Ajuda.

Ainda as solenidades de S. T. B. este ano em São Lourenço.

Os ensinamentos orientais e a Geologia.

É permitida a transcrição parcial ou total dos artigos, deste periódico, desde que citada a sua origem.

O LUZEIRO

Revista Mensal publicada pela Editora "O LUZEIRO" Ltda.

SUPERVISOR:

Prof. H. J. Souza

DIRETOR RESPONSÁVEL:

Eng. Clovis Bradaschia

REDATOR-CHEFE

Dr. Ermelino J. Pugliese

GERENTE:

Eng. G. E. Malschitzky

SECRETARIO:

Dr. Guedes Pereira

TESOUREIRO:

Luiz Boschetti

As opiniões emitidas em artigos assinados são de responsabilidade dos autores.

REDAÇÃO: Rua da Liberdade, 47 - 1.º andar — Fone: 35-2785 — SÃO PAULO - BRASIL
Representação em SANTO ANDRÉ (Est. de S. Paulo - E. F. S. J.) - Av. Industrial, 52

OUTRORA E HOJE!

H. J. SOUZA

ECCE HOMO! ECCE HOMO! «Eis aqui o Homem!» gemia, mais que suplicava Pilatos, a favor do «Filho do Homem». Ele que, amigo era do Grande MARTIR ali representando todo o Carma da Humanidade! Sim, mais que amigo, se primo era, e da secreta Missão algo sabia, mas que devia calar numa hora em que estavam em choque os Dois Podes: o Espiritual e o Temporal, mas este reinando falsamente na Terra. Era preciso derrubá-lo, afim de que ROMA fôsse, ao mesmo tempo, a Capital espiritual e temporal do mundo. E dali saísse a idéia redentora de uma grande REPUBLICA UNIDA, no continente que havia de ser descoberto, mais tarde, por um Filho da AGARTHA, sucedido por um outro da mesma estirpe... Mas que, por desgraça fálhou, devido uma traição... em que certa mulher de índole perversa, a Judas se ligou para derrubar aos DOIS IRMÃOS que restavam de uma TRIÁDE SUPERIOR, que à Terra viera para a realização de tamanho MISTERIO!...

ECCE HOMO! ECCE HOMO! continuava a exclamar Pilatos em defesa do Mestre. E a turba ignorante e perversa, fustigada pelos sacerdotes «inimigos do Profeta» que desconfiavam do Movimento, ao mesmo tempo político e religioso — vociferava de modo inclemente: «À morte, o Impostor! Ponham-No no Lugar de Barrabás, que vale mais que Ele!» E o sussurro aumentava cada vez mais, como se fôra o uivar das fêras nos circos romanos! E isto, de permeio com um

AVISO IMPORTANTE

O presente número de "O LUZEIRO", mais que os anteriores, deve ser lido atenciosamente, "com os olhos do Espírito". (A Red.)

gargalhar satânico que vinha do seio da Terra!... Era o Anjo-Demonio que se comprazia com aquela CENA, pois, via no «Filho do Homem» a encarnação da própria Divindade. Mas ninguém presentia «a infernal gargalhada», a não serem os poucos versados no Misterio, inclusive Aqueles que ao Cristo acompanhavam... Sim, DAEMON EST DEUS INVERSUS!

Novas vergastadas, novos suplícios, novos horrores! A Divindade ali estava com uma falsa corôa! «corôa de espinhos», como se fôra o próprio VISVAKARMAN com seus TRINTA E DOIS RAIOS! A capa vermelha ou tamásica, da Terra; uma cana por cetro... Novo gargalhar satânico fazia abalar os alicerces da Terra. Mas o tilintar das armas, indicava a hora da partida para o Calvario!...

E Ele, com a cruz ao ombro — MARTE E MARTIR, ao mesmo tempo, era «o Cordeiro de Deus, que viera tirar os pecados do mundo! «Agnus Dei qui tollis peccata mundi! Sim, a CRUZ da Terra, o manto encarnado de MARTE, o cetro de JUPITER. Mãe que de perto chóra, VENUS! Um Pai desaparecido na penumbra do Misterio, MERCURIO. Contando o tempo que passa — «grão por grão de areia», na ampulheta da Evolução Humana, — SATURNO ou CRONOS! Finalmente, Dois Devas representando SOL e LUA, como Colunas, acompanham, das nuvens, o Divino Avatara!

Sim, uns choram, outros riem. E até na face Lhe cospem, quando não O massacram à pedradas. «Olhem, olhem, dizem alguns! Ali vai o IMPOSTOR, o embusteiro, o chantagista... aquele que quer passar «por nosso rei», — REX JUDEORUM. Mais que isto, destronador de JUPITER!» E as gargalhadas se misturavam com as lágrimas, com o choro das mulheres, e de amigos dedicados. A guarda procurava conter os que mais se aproximavam do Unico Personagem da Tragédia, naquele lugar, porque, os Dois outros na montanha já estavam... José de Arimatéia e Nicodemus, fingindo-

se auxiliares do **fúnebre cortejo** — pois que era o de um **Vivo-Morto**, mil vezes ressuscitado para galgar o cume da Montanha... permutavam-se na «carga do Cruzeiro». Sofriam duplamente, pois que, também banhados em suor estavam, e o coração vertia sangue ao vêr o Mestre suportar tamanhas dôres!

Continuavam chorando as mulheres contra as quais muitos se revoltavam, uivando como fêras: «Parem com essas lágrimas fingidas! O que vocês choram não é o **santo**, mas apenas o **homem**, vitoras peçonhentas e traiçoeiras...» Jesus, compadecido pela afronta à pureza espiritual daquelas **Mães**, daquelas **Mulheres**, seguidoras fieis de **MARIA**, procura animá-las. Suas palavras levadas pelo vento, só agora chegam aos ouvidos dos homens:

«Ó filhas de Jerusalem!
Não choreis a minha sorte,
Se os vossos peitos comôvo,
Chorai a sorte de um pôvo
Que morre com a minha MORTE».

Sim, e quantos vieram a morrer, **carmicamente**, por tamanha afronta, por tamanha injustiça?

Nesta mesma vida — digamos — neste «Fim de ciclo apodrecido e gasto» — 2000 anos já passados — muitos dos que O apuparam, dos que O maltrataram, foram vistos — como **JUDAS TRAIADORES**, enforcados na trave de uma porta, à guisa de **figueira carnica**, para não chamar de «maldita». Outros, como uma mulher — talvez aquela que insuflou a «traição ao lado de Judas» — atirando-se às chamas de uma fogueira, aterrorizada com a visão que de há muito a perseguia: «Cristo a cair e levantar, banhado em suores frios, todo ensanguentado, a têla viva do **MARTIRIO!** «Uma outra, baluçando, também, de um caibro da cobertura de certo lugar, idêntico à velha podridão que a consumia..... Vêstes rasgadas, pernas estendidas no espaço, olhos esgaseados, saltando das órbitas! Era um quadro, ao mesmo tempo, tétrico e satânico!» «Acolá — tudo isso em épocas diferentes — «um homem despeçado pelas rodas de um trem, nas vascas da agonia».

Antes de exalar o último suspiro, o Cristo vê a seu lado, animando-o, encorajando-o a transpôr a dolorosa muralha que separa um mundo de outro...» Sim, o perdão, a Bondade do Homem Compassivo, em troca do Odio, da injustiça do passado! Muitos desses quadros horríveis teve ocasião de vêr alguém que, pelo **Martir do Calvario** chorou na Hora da Tragédia. Do mesmo modo que poucos não foram aqueles que ouviram esse «alguém» contar tôdas essas coisas, quando lhe perguntámos: «Quantas pessoas enforcadas e acidentadas tivestes ocasião de vêr nesta vida?»...

Seria, pois, impossível citar a aluvião de fatos que se prendem à semelhante Tragédia. Basta o de 432.000 cabeças que rolaram na guilhotina... quando da Revolução Francêsa. **LILIUM PEDIBUS DESTRUE!** Sim, a **Flôr de Lis dos Bourbons** foi pisada, foi aniquilada, por ser «o falso Lirio do bréjo», em vez do **Lôto das Mil Pétalas**, o **Lôto Sagrado de Shamballah!** do qual o Cristo foi um dêles! Hoje o exaltam as mesmas iniciais cantando o **LAUDATE PUERI DOMINE!**

Sim, **Cristo, Buda, Maitreia, Mitra-Deva, Apavadeva**, são Nomes que se confundem! São Nomes que ao Mundo redimem!

Longe de nós querermos passar por qualquer dêles! Defendê-los, sim, defendendo a própria Divindade expressa em nossa Obra, pois foi Ela quem no-la entregou no Alto de uma Montanha, Montanha que pode ainda tornar-se igual à do **CALVARIO!** Tal Missão levaremos até à Morte, custe o que custar...

SEMENTE DOS AVATARAS! Arvore dos **Kumaras!** O **VAU**, a **PONTE** que separa o Mundo Divino do Terreno. E como tal, o Enigma, a Esfinge, o «maior dos absurdos», isto sim, que somos! De fato, **EGO SUM QUI SUM!**

Que Deus guarde o «Rei» — mesmo que mendigo e doente! Que Deus guarde a sua **Côrte!** Vassallos, soldados, o próprio **POVO...** na iminência de se «levantar em vagas monstruosas» — aqui, ali, acolá, no mundo inteiro, querendo vencer o **Karma** do passado. Mistério oculto daquela e de outras tantas **tragédias**, de que a vida humana está repleta! Sim, que

a **PAZ** se faça para todos os sêres!

GLOSSARIO DESCRITIVO DOS TERMOS EMPREGADOS NO ARTIGO ANTERIOR, ALÉM DE OUTROS TERMOS COMPLEMENTARES

H. J. Souza

AURA — No seu sentido Esotérico, difere do Exotérico ou vulgar, passando assim a seu substantivo masculino: o **Aura** de alguém, seu ambiente psíquico ou astral, etc. Chama-se, portanto, de **OVO AURICO**, tanto ao de um homem, como ao da Terra e de outras coisas mais. Quanto ao do homem, manifesta-se de acôrdo com a sua evolução espiritual, o que é perfeitamente distinguida por um **Clarividente**. Aquêle, por exemplo, em quem predominar o **VERMELHO** na cabeça (como parte superior ou divina do corpo), por ser a do Mental ou Inteligência, é um ser de pouca evolução. Um selvagem, por exemplo, é envolvido por um **AURA**, ao mesmo tempo, vermelho escuro, com manchas verdes e côr de tijolo, pelo fato de que no mesmo vibram os dois reinos abaixo do hominal — o vegetal e o mineral, pois que, o animal com o humano ainda se confunde

(donde o termo **Anima** ou **Alma**, pois que, na Mitologia grega, **Psyché**, a alma, «anda em busca do seu Bem-amado», que é o Espírito, como **Essência Divina**. Nesse caso, nem todos O possuem). O selvagem não é, como pensa a maioria, o primeiro degrau da evolução humana, e sim, o civilizado caído em estado de selvagismo, devido às catástrofes, que, fazendo desaparecer os continentes ou partes dêles, por sua vez, separam em grupos, maiores ou menores, os remanescentes dos habitantes das referidas regiões. As côres, portanto, que devem figurar em tôrno da cabeça do homem ilustre e de caráter aprimorado (a mesma Igreja coloca uma auréola luminosa, em tôrno da cabeça de seus «santos») são: o amarelo do lado direito ou sôbre o «Olho de Budhi» ou de **MERCURIO**, por ser o da Inteligência, etc., e o azul, do lado esquerdo, ou do «Olho de

Venus», do Akasha médio (como Eeter sonoro, pois que existem 3 espécies de Akasha, na razão dos 3 mundos, mas também, das 3 GUNAS ou «qualidades de matéria»: SAT-TVA (amarelo) — o RITMO ou Equilíbrio que do mesmo resulta; RAJAS (azul) — a ATIVIDADE, a ENERGIA, a Fôrça CENTRÍFUGA. Finalmente, TAMAS (vermelho) — a INERCIA, a OBSCURIDADE, a Fôrça CENTRÍPETA.

Pelo que se vê, essas Três côres são as «matrizes» na arte pictórica. E delas resultam as outras QUATRO e suas derivadas, ou das várias «nuances». Repetimos, o AZUL, de RAJAS não podia deixar de figurar do lado esquerdo ou de Venus, etc., por ser o do AMOR, da BONDADE, da DEVOÇÃO, etc. A combinação entre Sattva e Rajas (na mesma razão de Atmã e Budhi), ou seja, entre Mercurio e Venus, isto é, Hermês e Afrodite (o Hermafrodita Divino), indica que tal Pessoa é um Sér Superior, um Andrógino em estado latente. Cabalisticamente falando, é idêntico ao ADAM-KADMOM divino, enquanto na terra, ao Adam-Heve ou Adão e Eva, expressão da primeira parêntese, mesmo que, sobre semelhante fenômeno se manifesta o denso Véu, que encobre o maior dos mistérios humanos...

O lugar, pois, do VERMELHO, é no baixo-ventre ou «região sexual». Esta corresponde ao princípio câmico (de Kâma, paixão, princípios inferiores, etc.). Um homem que tenha, pois, essa côr na cabeça (mesmo que os homens vulgares a tenham, em maior ou menor quantidade, por isso que são atraídos para as questões sexuais, malfazejas, inclusive, de «perseguir o próximo», finalmente, sempre distilando ODIO e vingança). Não é raro ouvir-se dizer a tais indivíduos: «Estou vendo tudo vermelho!», isto é, desejo brigar, desejo matar, vingar-me daquele sujeito... Não é vermelho, o sangue? Sim, VERMELHO também era o MAR que Moisés devia passar, com seu povo, «a pé enxuto», isto é, sem tocar nêle. O que é uma alegoria ao mesmo fenômeno, e não a realidade grosseira dos que só sabem comentar as coisas de acôrdo com «a letra que mata».

Quanto ao ambiente ou ÔVO AURICO da Terra, também traduz — em cada uma das suas quatro direções, ou «pontos cardiais», a côr que predomina nos habitantes dos lugares compreendidos nas mesmas direções.

Quando é TAMAS (ou vermelho) que predomina, devido ser a mais grosseira das três, e, conseqüentemente, seu peso muito maior do que o das outras duas (na razão de SATTVA, a mais sutil, RAJAS, a mediana e TAMAS, a mais pesada), sobrem o castigo câmico (de Karma, «lei de causa e efeito», ação e reação, retribuição, etc. de acôrdo com o «quem com ferro fere, com ferro será ferido», «dente por dente, olho por olho», etc.), «o chamado DIES IRAE», «o Dia da Ira», mas também, «a IRA DE DEUS» contra aqueles que se afastam da Lei (ou Dharma). A bem dizer, a matéria tamásica é a que mais pesa agora em quasi tôda a superfície da Terra. Daí, «grandes castigos serem esperados»: terremotos, inundações, mas também, a seca, as epidemias, as pragas, etc., etc. Com vista ao nosso trabalho, OS 4 CAVALEIROS DO APOCALIPSE, publicado em o número anterior deste periódico. Do mesmo modo, o intitulado A BOMBA ATÔMICA, com seus efeitos desastrosos sobre o glôbo terrestre, por inteiro.

AVATAR ou **AVATARA** — Um termo sânscrito que tem sido mal empregado até agora, por ser dos mais complexos. O principal dos seus significados, como termo sânscrito (língua sagrada adotada na Índia primitiva, e cantada sob um ritmo todo especial, para aumentar o valor das palavras, é hoje sua herdeira direta, a língua PÁLI, dos povos que residem nas imediações do Himalaia. Exemplo: SIDHI, em sânscrito, quer dizer: «poderes psíquicos». IDHI, em páli (sem o S), quer dizer a mesma coisa. E assim por diante), repetimos, o mais comum dos seus significados, é: «Manifestação da Divindade na Terra», em Alguém que venha dotado de semelhantes privilégios, para não dizer desde logo, um Sér de origem divina. Assim foram, Krishna, Gotama, o Buda, Jeoshua (ou Jesus), o Cristo, etc. Os avatares, entretanto, podem ser classificados em 3 espécies: momentâneos — os de manifestação dessa natureza, mesmo que fóra de um ciclo racial, etc., sobre alguém, por sua vez que seja dotado de uma Consciência superior, inclusive, para os casos proféticos, de que a própria Igreja, por exemplo, está cheia. «A descida, por exemplo, do Espírito Santo sobre Jesus, quando João Batista (ou YOKANAN) o batiza no rio Jordão, significa que, desde esse momento, Ele está possuindo da Divindade, ou é a Mesma,

na terra manifestada. Nesse caso, daí em diante começa o Mesmo a ser um avatara total, e não apenas «um avatara momentâneo». Razão pela qual o mesmo acontece a todos quantos sejam, verdadeiramente, um avatara cíclico. E todos Eles sob um signo zodiacal. O de Jeoshua foi Piscis (haja vista, quando Ele traça no sólo esse signo, ao Lhe apresentarem a mulher adúltera). O do futuro, será Aquarius.

No Tibete, os avatares proliferam «como era daninha», pois, até de animais e demônios existem (inclusive o «da deusa porca»). Os verdadeiros podem ser tomados como «parciais». Sem falar no pouco conhecido fenômeno do TULKUISMO, de que já se falou em um dos capítulos de O TIBETE E A TEOSOFIA. Um ou mais indivíduos, discípulos, etc. podem ter um só MESTRE, seja um Nadjorpa, um lama perfeito, que de perto ou mesmo de grandes distâncias lhes dirija.

No começo de nossa Obra, quando a Instituição trazia o oriental nome de DHARANA (como «sumo controle do mental ou da inteligência»), tivemos ocasião de demonstrar semelhante fenômeno (pois assim era exlido naquela época), avatizando-nos num jovem sempre presente àquelas memoráveis sessões que, de serem assistidas por vultoso número de pessoas, vários reporteres da imprensa fluminense e carioca, no dia imediato publicavam valiosas notícias nas colunas dos seus jornais. Tal jovem não era mais do que um humilde vendedor de refrescos e de balas e bombons, etc., num dos cinemas da Rua da Carioca. E era de vêr como ele falava, chegando mesmo a hipnotizar uma jovem de nome Osiris, que foi um dos grandes elementos daquela época! Ouvir a ambos discutindo em língua páli, ele em PADMASANA («posição do Lôto», ou a mesma com que se apresentam as imagens dos chamados «Budás»...). Ela, por sua vez, bailando de modo tão maravilhoso, que aos próprios entendidos na «arte da Tepsicore», fazia ficar «aturdidos»... Enfim, tudo isso é assombroso, é maravilhoso! mas, como na própria vida do meio Nazareno, só podia acontecer no começo, pois, como na DELE, ainda, a segunda parte foi a do PRODIGIO DA INTELIGÊNCIA: o sermão da Montanha. As sublimes Parábolas, que nem todos ainda hoje sabem comentá-las, a não ser de acôrdo com «a letra que mata», em vez do «Espírito que vivifica», como Ele próprio dizia... Sim, tudo isso tomou a forma de «Revelações da Era do Aquário». Ademais, as questões da alma ou psíquicas já tiveram a sua época no mundo, com o desenrolar das raças lemu-atlantes, onde o estado de consciência era aquele. A raça aria, que estamos em uma das suas sub-raças, caminho a um «8.º ramo racial» e, portanto, uma hora avatárica, é a mesma em que «se dá o desenvolvimento do Mental». Os que ainda hoje praticam a consciência do passado, outra coisa não fazem, sinão, praticar MAGIA NEGRA. Eis porque, somente no começo, qual aconteceu com Jeoshua, mais uma vez se diz, tivemos que lançar mão dos referidos poderes. Razão, também, porque aqueles que ao mesmo Sér acompanhavam, logo o abandonaram, chamando-o de IMPOSTOR, CHARLATÃO, EMBUSTEIRO, CHANTAGISTA, etc. De fato, a maioria só quer receber, e não, dar coisa alguma. «Fim de ciclo apodrecido e gasto», onde a maioria, também, só admite os seus direitos, mas nunca, os deveres... Não falemos no ORGULHO e na VAIDADE, os dois irmãos caóticos, que de mãos dadas vão caminhando sobre o mundo, como se Colunas fôsem dos QUATRO CAVALEIROS APOCALIPTICOS... E sem se preocuparem com a CRUZ DA TERRA, † que pesa sobre todos os séres que na mesma habitam, a ponto de ser em tal cruz, alegorizada em pesado madeiro, onde expirou o «Filho do Homem», pela ignorância e maldade daqueles que, em verdade, mais animais são do que homens...

A TERRA, que representa o QUARTO GLOBO de nosso Sistema planetário e sua 4.ª cadeia, está na quarta ronda, etc. Tudo nela obedece ao compasso QUATERNÁRIO. Exemplo: as 4 fases lunares, que tanta influência têm sobre ela, ou sejam: Nova, Crescente, Chela e Minguante — sete dias para cada uma dessas fases, motivo bastante para que os meses serem de 28 dias, e não, de acôrdo com o «Calendário gregoriano» adotado... (verdadeira confusão, inclusive, para os Horoscópos charlatanescos que são feitos a granel para os neófitos no assunto). Quando o 1.º de Janeiro cair no primeiro dia da Lua Nova, e num domingo, eis aí a maneira de se começar um Novo e acertado calendário. As marés, que acompanham o fenômeno dessas 4 fases lunares, e conseqüentemente, do qua-

ternário terreno, por sua vez funcionam ou «respiram» deste modo: ENCHENTE, CHEIA ou PREAMAR, VASANTE e BAIXA-MAR. O mesmo acontece com o homem: respirar (ou inspirar), guardar o ar nos pulmões, expirar e deixar o ar fóra dos pulmões. Ninguém obedece a tal coisa, porque, seria até impossível falar, etc., bastante, pois para quebrar o ritmo da vida. Entretanto, é este o quaternário respiratório que pode ser feito, como o mais valioso de todos para conservar o organismo em perfeito equilíbrio. Aquele que o fizer, deve escolher um lugar isolado, mas, de preferência, ao ar livre.

BUDA — termo sânscrito, com o significado de Sábio, Iluminado, Senhor da Sabedoria Perfeita, etc. Semelhante termo provém do BODHI sânscrito, com o sentido de Iluminação, Conhecimento, Sabedoria Perfeita. Mas também, do BODI tibetano, com os mesmos significados. E a prova é que, ao Tibete, «como telhado do mundo» se dá o nome de BOD-YUL «ou País do Conhecimento Perfeito». Donde, seus Nadjorpas, Tulkus, Adeptos, Lamas Perfeitos, etc. O termo Cristo que, ignoradamente, como acontece ao de Buda, para o Senhor Gotama (príncipe Sidharta de Kapilavastu), se dá ao «Filho do Homem», por sua vez, provém do Krestus grego, com o significado: UNGIDO, ILUMINADO, SÁBIO, etc. Pelo que se vê, um termo em nada difere do outro. Dar-se, pois, o nome de Buda à uma farinha de trigo, é o mesmo que se dar o de Brahmá (Deus) à uma fábrica de Cerveja. A afronta é, pois, ao mesmo Deus de tôdas as religiões do mundo.

GOTAMA — como Jeoshua, Mohamed, Confucio, Lao-tzê, e demais Iluminados, não fundaram a religião confessional que se lhes atribui, e sim, os seus pretensos discípulos que, «escravos do inerte dogma que criavam, esqueceram que religião não é crença, mas, a dupla ligadura de Fraternidade entre os homens, segundo a sua etimologia latina: religio, religionis, mas também, RELIGARE ou RELIGAR, tornar a unir ou ligar os homens entre si, a cujo espiritual fenómeno se propuzeram, todos os Iluminados que à Terra vieram...

Eis aí uma das razões da Sociedade Teosófica Brasileira, construindo um Templo dedicado ao futuro avatara, também o dedicar, à Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de nenhuma espécie. Nesse caso, dedicando-o também à tôdas as religiões do mundo».

DEVA — (sânscrito), com o significado de ANJO, deus, etc. de acôrdo com o sentido que se lhe queira dar. Mitra-Deva, Apavanadeva, nomes de dois avatares, por exemplo, significam: O Deus Solar (Mitra, Maitri, etc.) e o Deus lunar, ou das águas, por ser «o nome do futuro Avatara (isto é, «avatara das águas ou aquático»).

DHARMA — (sânscrito), com o significado de «Lei justa», ou aquela que a tudo e a todos rége. Esta passagem do Bhagavad-Gita a define muito bem, do mesmo modo o que vem a ser um avatara, «como manifestação da Divindade na Terra»: «Tôdas as vezes, o filho de Bharata (Krishna falando ao seu discípulo Arjuna, equivalente, também a Cristo) que Dharma (a lei justa) declina como está acontecendo agora) e Adharma (o contrário) se levanta, Eu me manifesto para salvação dos bons e destruição dos maus. Para restabelecimento da Lei, Eu nasço em cada Yuga (Idade, ciclo, etc.). Eis aí a razão por que estando nós num «Fim de ciclo apodrecido e gasto», a S. T. B. anuncia um novo Ciclo ou Idade para o mundo, muito bem expresso no seu glorioso lema: SPES MESSIS IN SEMINE. (A esperança da colheita reside na Semente). Sem queremos passar por «profeta», o ano atual vai ser dos mais dolorosos para o mundo. E o de 1956. o do seu Julgamento cíclico. Não confundir com JUÍZO FINAL, pois que o mundo não está ainda no final da sua evolução. Ele mesmo não completo ou perfeito. O mesmo acontece com SATURNO, cujos anéis da nebulosa primitiva, ainda são vistos... mas não compreendida a razão pelos mais eminentes astrônomos dos nossos dias! Um astro não ainda formado.

KARMA — (sânscrito), como «lei de causa e efeito», «Ação e Reação», Retribuição, etc. como já foi explicado no termo AURA. O Karma é oriundo do afastamento da Lei (Dharma), pois que o Homem pode fazer o que bem entender na vida («lei do livre arbítrio»), mas em verdade, não deve fazer ou agir desse modo, e sim, de acôrdo com a Consciência superior, como prova «ser perseguido pelo REMORSO quando age fóra da Lei, ou de acôrdo com a consciência animal ou inferior, já tratada no termo AURA. O mesmo

Jeoshua esquivava-se de que algumas pessoas lhe tocassem, dizendo: NOLLI ME TANGERE. «Não me toques», justamente por não desejar que indivíduos de AURA ou ambiente pestilencial O tocassem. E a prova é que, um dos seus discípulos, querendo tomar lugar numa rocha donde havia saído alguém nessas condições, Ele lhe diz: «Não vos assenteis neste lugar, pois dele acaba de se levantar um leproso (moral, já se vê), pois que ao doente dessa moléstia, Ele beijou a face para servir de exemplo aos seus discípulos. Os Iogus, na Índia, não admitem «que ninguém passe na sua sombra», o que não tem sido interpretado de modo conveniente. A sombra do indivíduo, é mais ou menos, o comprimento do seu Ovo aurico. Muito mais, para o praticante da Pranayama (retenção da respiração nos pulmões, durante o maior tempo possível). Tal exercício tem a propriedade de aumentar o Ovo aurico. E isto porque, quando o homem inspira, o mesmo se dilata. E quando expira, o mesmo se contraí. Ora se o Iogui leva muito tempo com a respiração retida nos pulmões, como se acaba de dizer, cada vez mais seu ovo aurico ou ambiente astral, etc. aumenta de volume. Razão de poder «enviar o Pensamento em seis direções diferentes, sendo ele a sétima, centralizada, ou como a sua emitente, isto é, das outras seis.

KUMARA — (sânscrito), equivalente a CABIR, CABIRE ou CABIRA, de outras Teogonias, todos eles fazendo lembrar o termo CABRITO, do mesmo modo que, o signo de Capricornio. Quando se diz «que os Dirigentes da Obra em que está empenhada a S.T.B. «vieram dos 23° de latitude Norte, Trópico de Cancer (ou lunar) para os mesmos graus de latitude sul, Trópico de Capricornio (ou saturnino...», procura-se dizer muita coisa, mas que, infelizmente, para o mundo profano continuará velado. Diremos apenas (o que já é muita coisa...) que, esses mesmos 23° de latitude sul são aqueles por onde a Obra passou, vindo de Salvador ou Ilha de Itaparica, para Rio, Niterói, S. Lourenço, etc. todos eles do referido traçado. Nosso Templo se acha «no lugar justo onde a Mônada chegou, na sua trajetória evolucionar...» E isto diz tudo. Por lei de CAUSALIDADE (ou de Dharma, mas também, de Karma...) tais Pessoas, depois da Obra ter completado um ciclo de 52 anos, como foi dito em nosso próprio trabalho intitulado AOS MEMBROS DA S. T. B. E SIMPATIZANTES DO SEU MOVIMENTO, publicado em o número anterior deste periódico, os mesmos vieram habitar em São Paulo. De modo profano, foi uma grande honra para Eles (deixando de lado os sofrimentos físicos e morais que disso resultaram...). Mas de modo espiritual, um Dever, uma obrigação... pois não mais podiam continuar residindo na capital Brasileira. Certa vez indo eles, com outros Membros da S.T.B., em visita ao IORTO FLORESTAL, nesta mesma cidade, foi tirada uma fotografia dos Dois, sentados num banco, onde bem perto há um «monumento comemorativo à passagem do Trópico de Capricornio», naquele mesmo lugar. Que resultou de semelhante fotografia? Um deles, o Homem, saiu com as mãos transformadas em GARRAS DE DRAGÃO...

A fotografia se acha em nosso album de família. E inúmeros membros da S.T.B. já tiveram ocasião de vê-la. Um dia — quem sabe? mais cedo do que tarde... ela venha a ser publicada neste jornal. E então, o leitor terá ocasião de constatar o referido fenómeno. O próprio termo KUMARA o revêla... Mas, passemos a um estudo que já tivemos ocasião de fazer na revista Dhâranã, n.º 125, Julho a Setembro de 1945:

«Cada um dos referidos Manús (tinhamos citado vários) ou condutores de povos, é um reflexo na Terra, do APÂM-NAPÁT dos Zendos ou do Fohat dos tibetanos e mongóis, o que tanto vale por um nome védico e outro parsi ou do Avesta. Literalmente, SÃO OS FILHOS DAS ÁGUAS DO ESPAÇO ou do Eter-celeste (o Akasha médio), ou seja, aquele que «separa o mundo terreno do divino, o Vau, etc.», HUT-NAT-JINAS ou deuses «luni-solares» (andróginos, portanto), puros Espíritos do Fogo, por sua origem, e das águas terrestres, para a missão que lhes cabe entre os «mortais»... Verdadeiros Ar-hu-nats, ARJUNAS, refletidos se acham, com exatidão, mesmo que debaixo dos densos véus esotéricos, em ARJUNA, herói do Bhagavad-Gita, discípulo de Krishna, o deus luni-solar, cuja morte teve lugar há uns cinco mil anos no Kattyavar de Guzerate, quando dizem que começa a Kali-Yuga ou Idade Negra, porque em verdade esta começou muito antes, mas, com a manifestação de Krishna, houve um esta-

gio, parada ou suspensão... para a entrada de um novo ciclo avatárico. Entretanto, naquele momento tiveram lugar os grandes êxodos dos pobres povos lunares «semíticos» ou caledios, por toda a parte do mundo, afim de o repovoar com elementos ários muito superiores ao sedimento atlante, que havia deixado a grande catástrofe (para a Bíblia, o dilúvio universal, embora que inúmeros dilúvios já tivessem havido no mundo...).

Os Vedas dizem que, «esse Arjuna, discípulo e companheiro de Krishna (acabamos de citar uma passagem do Bhagavad-Gita relacionado com ambos), desceu até o PATALA (PA-TA-LA) e ali tomou por esposa U-LIPI ou HU-LIA-PA, filha do rei dos Nagas, chamado Kauravya, Curavia ou CURUTA, nome este que ao próprio grego se assemelha, e também ao hispânico. PATALA é o antipoda de JAMBU-DWIPA (nome de um continente) e JAMBU, Zambo ou Tambo, é «a pousada ou «tambo» (Pacaritambo) do amanhecer» a que se referem tôdas as tradições americanas (?). Em alguns textos védicos, a AMERICA é também, chamada de BHARATA-VARSHA «o continente do filho de Bharata, ou ARJUNA (AR-JINA, etc.), nome que lhe dá Krishna (como se viu, no Bhagavad-Gita, quando procura provar sua quirritaria, de KIRI, KURU, etc. donde «Valquiria e Valkurus», vale dos solares e dos lunares, interpretando de acôrdo com o manejo esotérico de cada mundo, e consequentemente, de cada consciência...) ou solar condição de HEROI (ao mesmo tempo Kshatryya ou guerreiro, e Jina ou Jêno, Sábio, Iluminado, etc.).

Em outros textos cita-se, finalmente, o célebre anel nupcial atlante (que em nossa própria Missão houve idêntico, materializado num ramalhete de flôres, na presença de dezenas de pessoas) de outra ULIPI (Lisbôa, para onde fomos os Dois, de Salvador a caminho depois para o Norte da Índia... tem o nome de ULISSIPA, «por ter sido fundada por Ulisses, o grande herói da batalha de Troia), filha do rei Mani-pura, segundo o Vishnu-Purana (que também aponta «a vinda de Dois Deva-pis ou Gêmeos, etc... no ciclo presente), e do naga do Patala (a cidade para onde fomos, ao Norte da Índia, tem o nome de SRI-NAGAR, ou «Homens-Serpentes», Iluminados, etc.), de que tanto se fala nas mais corretas versões esotéricas, como por exemplo, a do pandita Dayanand-Sarasvati, tantas vezes citado na Doutrina Secreta.

E embora que pareça, a primeira vista estranho, nos Vedas também devem ser buscadas as origens caldaicas do maior povo das duas Américas, como das maiores, ainda, de toda a História: o povo NAGA, NAVIA, NAGUAL ou NAHOA, cujo Manú teve o nome de QUETZACOATL. E para aquele Lugar veio dentro de misteriosa Barca, todo cercado de Luzes, como se fôsse o mesmo Osiris, no velho Egito, na sua BARCA, a navegar no rio NILO (Nill, Nihil, ou «nada», termos idênticos a Nahual, etc.). E a cujo povo Chavero dedicou algumas páginas de seu maravilhoso livro O MEXICO ATRAVES DOS SÉCULOS. Sim, os NAGAS dos Vedas e Puranas, são seres semi-divinos, com cara humana e corpo de Dragão ou Serpente (lembramos, novamente, o termo SRINAGAR, da cidade para onde fomos em 1899. E o fenômeno aconteceu no Horto Florestal, nesta cidade...), para expressar simbolicamente, a sua dupla natureza: humana (ou animal) e divina (ou deífica), e não que, de fato, assim o fossem. E dos quais, as célebres sereias gregas são as suas caricaturas, e em nossas lendas, também, inclusive com o nome de «mãe d'água», no africanismo ou baixo espiritismo, Amenjá, ou antes, Amanjá, etc.

Nas lendas esotéricas asiáticas, afirma-se que, «tais indivíduos não passavam de MIL (para não dar outro número mais lógico...) e que haviam surgido do senhor de Kandriú, esposa-virgem (andrógina) de Kasyapa, neto de Brahmá, com o fim exclusivo de povoar o PATALA ou AMERICA...»

Outra das SETE divisões do Bharata-Varsha, foi a Naga-dvipa da Índia, habitada por um povo estranho, desse mesmo nome, que deixou na História inúmeras provas da sua existência, e que, a bem dizer, procediam do MUNDO JINA ou agartino, etc.»

Voltando ao termo KUMARA. Logo do início da fundação material de nossa Instituição, em Niterói, endereçamos uma carta ao grande Teósofo e cientista espanhol Dr. Mario Roso de Luna, ou seja, o Homem (com maiúscula) que mais obras escreveu no mundo, até hoje, dentre elas, «EL LIBRO QUE MATA A LA MUERTE o livro de los Jinas», que ele mesmo «a considerava a melhor de tô-

das. E onde tinha sempre o que aprender tôdas as vezes que a relia (?)» ...A sua resposta foi a mais brilhante que se possa imaginar, além de recordar a ocasião em que esteve no Rio de Janeiro, quando das suas Conferências Teosóficas na América do Sul» (como título também de uma das suas obras, depois de semelhante feito, que demonstra a sua grande coragem, persistência e ilustração comparável a de um Pico de la Mirandola). Esta carta, como tôdas as que a sucederam, figuram em nosso Arquivo particular, como se fôra um verdadeiro TESOURO. Dias depois, o grande JENIO ou JINA surge ao nosso lado, quando no momento de conciliarmos o sono, e diz de modo respeitoso, mas um tanto enigmático: «Usted es un CABRERO». Pela manhã, logo saltamos do leito (como sempre o fazemos) lhe dirigimos a segunda carta, assinalando aquela sua misteriosa «visita». E as palavras que nos dirigiu, dando-lhe a seguinte resposta no seu próprio idioma: «Cabrero, si, más KUMARA!» Dias depois ele nos respondia de maneira tão comovente, que demonstrava toda a sua amizade e respeito, não só à nossa Obra, que era bem sua também, pois foi o seu ARAUTO... como à nossa humilde pessoa. Jamais ele julgara que lhe viessemos visto e ouvido as suas palavras. E então, jamais deixou de nos escrever. E até, antes de deixar o mundo, pede a sua família que nos remeta os 22 capítulos de sua última obra — O Tibete e a Teosofia — com alguns recortes e apontamentos que poderiam dar para mais uns 5 ou seis capítulos, «por ser o único capaz no mundo de terminá-la». A obra foi, de fato, publicada em Dhâranâ com 52 capítulos, e devidamente ilustrada». Sim, Roso de Luna foi um JINA perfeito, um Homem que pertencia ao mundo do rei Artur, de Lohengrin, Jeanne d'Arc e outros muitos...

Desse modo, não há como transcrever neste lugar o enredo que serviu ao grande compositor Richard Wagner para escrever a sua maravilhosa e iniciática ópera, intitulada LOHENGRIN, pois que o mesmo Roso de Luna lhe dedicou uma das mais brilhantes obras saídas da sua pena, com o nome: WAGNER MITOLOGO Y OCULTISTA.

...Tendo o mesmo LOHENGRIN feito ver a Elsa (já sua esposa, por ter Ele tirado o País de situação difícil, guerreira), que lhe não poderia confiar tamanho segredo (isto é, de seu nome e origem), no entanto a feiticeira Ortruda procurando sujestioná-la (como Mal em oposição ao Bem) a insistir nesse propósito, teima ela com seu bem-amado para que lhe revele o maior mistério da sua vida: seu verdadeiro nome e país da sua origem.

E é assim que se trava o colóquio entre os dois, segundo vamos descrevê-lo:

— Juro que confio em ti, porém tu, sim, que não confias em tua esposa. Tais segredos ninguém poderia guardar melhor do que eu.

O Cavaleiro mirando-a tristemente, respondeu-lhe do seguinte modo:

— Por que fazes mais caso das maldosas palavras de uma mulher como Ortruda, que da promessa que me fizeste? Já sabias que, logo eu te revelasse tal segredo, seria obrigado a deixar a face da Terra para sempre...

Estas palavras despertaram na mente de Elsa a recordação das que Ortruda proferira na véspera. E assim, respondeu com a maior veemência:

— Tal segredo será tão vergonhoso para que tu não o queiras revelar a tua esposa?

O Cavaleiro discutiu ainda com a esposa, por muito tempo, na esperança de, carinhosamente, a convencer de que lhe não era permitido pronunciar tão fatais palavras. Fez-lhe ver que sua Pátria era de natureza celestial. E que foi para salvá-la que «havia abandonado o REINO DA PAZ E DA FELICIDADE». Fez-lhe ver, ainda, o esplêndido futuro que a ambos aguardava, se governassem com bondade e retidão (que bom exemplo... para os tempos que correm...). O ducado de BRABANT, porém, Elsa se achava bastante excitada pelos acontecimentos do dia, para ligar importância a tais razões mais que justificáveis. Ademais, o receio de perdê-lo, encheu seu coração de medo, a ponto de, agarrando-se ao braço do esposo, dizer-lhe banhada em lágrimas:

— O que por Magia vem, por Magia deverá ir, portanto que, teu dever é confessar o País a que pertences...

Um olhar de dor e de tristeza se fez sentir na fisionomia do Cavaleiro. E já se preparava ele para responder, quando, de repente, a porta secreta se abriu — do aposento onde ambos estavam — dando entrada ao conde de Telramundo («este mundo terreno», dizemos nós, em que

somos forçados a viver... para cumprir o altíssimo dever que, por Lei nos foi imposto... Razão das «repetidas traições» que recebemos, muitas vezes, dos maiores amigos!). O mesmo vinha acompanhado de mais quatro (valor quaternário dessa mesma Terra). Julgavam encontrar Elsa e o Cavaleiro dormindo, para poder matá-los, como lhe ordenara sua esposa. Ortruda (traição à corte, para, da mesma se assenhorearem...).

Porém, o Cavaleiro foi mais ágil. Empunhou a sua espada com a qual estendeu sem vida, ao conde e seus quatro companheiros. E conduzindo Elsa para fora do aposento, proferiu as seguintes palavras:

— Está amanhecendo. Preciso falar imediatamente com o rei, vosso pai, pois, como desejava, vou revelar o meu segredo, para logo desaparecer do mundo, tal como vim para ele...

E dizendo isto, saiu apressadamente do palácio.

Poucas horas depois, os arautos anunciavam ao povo que se reunissem à margem do rio. O rei e os nobres já se encontravam no lugar, do mesmo modo que os cidadãos ansiosos por saber da notícia que os arautos iam dar ao povo. Ao lado do rei, diante da multidão, se achava Elsa trazendo ainda o seu vestido de noiva, porém, com o semblante triste e abatido, a ponto de ser notado pelo povo, que também sofria por vê-la desse modo.

— Aí vem o Cavaleiro! exclamaram diversas vozes.

E as trombetas dos arautos se fazendo ouvir, a multidão abrindo alas para que o Cavaleiro pudesse aproximar-se do palanque onde se achavam o rei, Elsa e toda a sua corte. Ele vinha vestido, do mesmo modo que ao aparecer pela primeira vez no País. Sua grande ESPADA pendia da cinta, do mesmo modo que o CHIFRE DE OIRO (Símbolo de Taurus, signo de Venus, que faz jus ao iniciático termo «Senhores de Venus», etc...), com o qual havia respondido ao desafio do conde Telramundo (a Voz divina respondendo à voz terrena). A cabeça estava coberta por brilhante elmo, arrematado por duas asas brancas, símbolo de «Cavaleiro do Cisne».

Depois de saudar o rei, sua filha e toda a corte, pronuncia ele as seguintes palavras:

— Já sabeis, gracioso rei e Senhor, que a princesa Elsa insistiu comigo para que lhe revelasse, tanto meu nome como a minha pátria. De acordo com a sua exigência, vejo-me obrigado a servi-la. Infelizmente, seu nobre coração deixou-se levar por maus conselhos. E com isso, sou obrigado a regressar ao meu País.

— De nenhum modo, bravo Cavaleiro, respondeu o rei. Amanhã marcharei contra a Alemanha, afim de combater os ungaros, e preciso de vós como comandante das forças de Ambères, que prometeram auxiliar a minha empresa guerreira.

— Com enorme prazer o faria, respondeu o Cavaleiro, se não fosse o fato de hoje mesmo ter de deixar Ambères para nunca mais voltar...

E então, voltando-se para o povo, de modo que todos o ouvissem, exclamou:

— «Em um País muito distante, oculto por trás de solitários e secretos caminhos, existe uma CIDADE chamada MONTESALVAT («o Monte da Salvação» ou Redenção...). Possui Ela um Santuário onde é guardado um dos maiores TESOUROS do mundo, ou seja, um CÁLICE possuidor de maravilhosa virtude (em nosso Templo existe enorme CÁLICE sobre o altar, iluminado por sete mais sete cirios. Por trás O excelso Triângulo com o Olho da Divina Providência, melhor dito, do SUPREMO ARQUITETO), pois, todo aquele que puder admirá-lo, ficará limpo de todos os seus pecados. Foi trazido ao mundo pelos Anjos (ou Devas, como se diz em sânscrito). E cada ano, uma POMBA BRANCA desce do céu para renovar o precioso DOM que o mesmo possui! Seu Nome é SANTO GRAAL. E nós outros, como seus CAVALEIROS, temos o dever de servi-lo com a maior fidelidade possível. Meu pai é o Chefe de todos eles. Seu nome é Parsifal. E eu sou LOHENGRIN (Parsi-fal ou val, vale, etc., «o parsi, o sacerdote, o guerreiro, do vale, da Mansão dos deuses»). E Lohengrin, lohan, chohan, DZYAN, SWEEN ou cisne. E Grim ou JIM, JINA, etc. «O Cavaleiro do cisne», o deva, o Jina, mas também, o guerreiro celeste, à guisa de um Dhyán-Chohan, Arcanjo, etc. Os sete candelabros da Igreja, representam esses mesmos Arcanjos ou Anjos de Presença, que também são os Kumaras, etc.).

Um murmúrio de grande surpresa levantou da multidão, porém, o rei erguendo o braço, ordenou silêncio. Uma vez conseguido, o «Cavaleiro do CISNE» prosseguiu:

— Reparar as injustiças (?), auxiliar os fracos, defender os ignorantes (resta que eles o queiram, completamos...), vencer os perversos (?), esta é a Missão a que os Cavaleiros do Santo GRAAL JURARAM DEDICAR as suas vidas. Porém, ninguém deve conhecer o verdadeiro Nome do Cavaleiro, que pratica o benefício, porque, se revelado fôr o segredo, o GRAAL não mais exercerá sobre ele a sua benéfica influência. E então, é seu dever voltar imediatamente à sua Pátria, prostrando-se novamente diante da santa RELÍQUIA».

Quando deixou de falar, uma exclamação se fez ouvir de todos os lados... Olhai para o horizonte! O cisne branco volta novamente!

E todos voltando para admirar o grande milagre nas águas tranquilas do rio, viram aproximar-se, rapidamente, da sua margem, o barquinho rebocado pelo cisne branco, trazendo em torno do pescoço uma corrente de ouro (como o Fio de ouro ou de Sutra, termo sânscrito, que serve de anagrama ao nome do rei ARTUS, com seus Doze Cavaleiros: os Cavaleiros da TAVOLA REDONDA, lenda idêntica a de Lohengrin. O fio de ouro, sutra ou Sutra-ATMA, é aquele que liga a consciência inferior ou terrena à superior ou divina...).

Quando Elsa viu a embarcação, compreendeu — desde logo — que o momento havia chegado para a partida do seu bem-amado. E então, com ele se abraçando e debulhada em lágrimas, dirigiu-lhe a seguinte súplica:

— Deixa-te ficar comigo. Só agora compreendo o mal que te fiz (é sempre assim: tardiamente vem o arrependimento daqueles que vêm as coisas apenas... pelo lado pessoal, terreno, etc.). Se quizeses ficar para governar este povo, por tal coisa daria a minha vida!

Porém, Lohengrin, retirando docemente os braços de Elsa que o rodeavam, respondeu:

— Não me é permitido eleger: devo obedecer ao SANTO GRAAL. Já o devias ter compreendido. Se ao menos, durante um ano tivesses acreditado na minha palavra, teu irmão Godofredo teria voltado para o teu lado. E então, a tua felicidade seria completa.

Dizendo isto, depositou um beijo de despedida na fronte de Elsa. E quando se dirigia para o barquinho, Ortruda, que estava oculta entre a multidão, adiantou-se para Elsa, olhando-a triunfante. Soltou uma gargalhada mais animal do que humana. E gritou bem alto para que todos a ouvissem:

— O auxílio do céu, orgulhosa ELSA, de nada te valeu. Agora, sim, posso revelar-te que, aquele cisne branco atrelado ao barquinho que leva para sempre o teu esposo, não é outro, senão, o teu irmão Godofredo. Fui eu, ainda, quem o atraiu para o bosque («a floresta negra da Vida», «a selva selvagem» da Divina Comédia de Dante...), enquanto se encontrava a teu lado. Fui eu, ainda, quem, por arte mágica, o transformei em cisne. E deste modo, podes ficar certa que ele continuará até quando eu quiser. Se fiel tivesses sido à tua promessa durante um ano, confiante em teu esposo, meu malefício ficaria anulado, perdendo eu o direito de te causar qualquer outro dano. E triunfante, soltou uma nova gargalhada.

Lohengrin ouvira tudo:

Embora sabedor do místico poder do SANTO GRAAL, e portanto, que lhe não era possível vencer a necromântica sorte lançada por ORTRUDA contra Godofredo, ajoelhou-se no chão, pondo-se a orar. No mesmo instante, no céu, o manto do Firmamento, apareceu uma linda POMBA BRANCA, cercada de uma auréola prateada, que voando veio ter ao seu ombro direito (lado solar de qualquer homem). Daí saltou ao barquinho e metendo o bico entre as penas do pescoço do cisne, desafiou a corrente que aí se encontrava... E logo, a formosa ave desapareceu para dar lugar à uma figura humana. Era Godofredo, que logo saltando à margem do rio, atirou-se nos braços de sua irmã Elsa, beijando-a com ternura e amor fraternal. Porém, os gritos do povo se faziam sentir:

— Não vás! Permanece conosco!

E o barquinho rebocado pela pomba, que ocupara o lugar do cisne, cada vez mais se afastava de terra. Com as mãos levantadas, Lohengrin fez o sinal da CRUZ, evocando os quatro pontos cardinais, em sinal de perdão e de despedida àqueles que ficavam, para logo desaparecer na vista de todos.

E Elsa dando um grito de desespero, caiu sem sentidos no solo.

LOHENGRIN, ARTUS e quantos outros Sêres, mais ou menos idênticos, de tempos em tempos, aparecem no

mundo (por isso mesmo, «incompreendidos»... pelos homens vulgares), só podem responder quanto ao seu verdadeiro nome, do seguinte modo: EGO SUM QUI SUM! «Eu sou quem sou!» E quanto à sua Pátria, tal como o disse Jesus: «Meu Reino não é deste mundo».

LOHENGRIN — O leitor já deve ter feito uma idéia de que tanto Lohengrin como o rei Artus e outros mais, são verdadeiros Kumaras. O próprio Cabral, como «Descobridor do Brasil», realizando, portanto, o codicilo do espiritual Testamento, que foi o da Descoberta da América por Cristovão Colombo, tinha no seu braço (que saiu no penúltimo número deste periódico), 3 CABRITOS, para fazer jus a seu nome: CABRAL, Capris, Capricornio, etc. E quanto a Cristovão Colombo, seu nome grego era **Christoferens Columbus**: o primeiro termo, com o significado «aquele que carrega (ou trás consigo) o Cristo». E Columbus, colombina, colomina, etc. a **Pomba**. Razão por que, na sua «sigla» ele tanto saudava à **Maria**, como ao Espírito Santo, **Ave Maria!** sim, mas também, **Aves marinhas**, que pombas também são... guias dos grandes navegadores! **Maria, mare, o mar, as águas...**

O termo Lohengrin se decompõe como já foi dito anteriormente em: **LOHEN, LOHAN, CHOHAN, SWEEN, o Cisne, o Anjo, o Arcanjo, o Kumara**. Não esquecer que na lenda, ele trás um capacete com as duas asas, símbolo do **CAVALEIRO DO CISNE**. Além do mistério daquele que arrastava a sua barquinha e foi substituído pela alva **Pomba do Espírito Santo**, a mesma que, todos os anos, vinha renovar o mistério contido no **CÁLICE DO SANTO GRAAL**. Mas falta o segundo termo que completa a palavra, ou seja: **GRIM, JIM, Jina**, etc. (O livro infantil «Contos dos Irmãos Grimm» é baseado em lendas parecidas).

Do mesmo modo que, **Lohengrin** vinha do **MONTE-SALVATE** ou da **SALVAÇÃO**, o rei **ARTUS** vinha da «**Ilha de Avalon**», cujo termo — além do mais — faz lembrar o **AVA** de várias linguas antigas, vindo ter ao nosso **TUPI**, com o significado de «antepassado», e nosso próprio idioma, o de **AVÓ, avoengo e outros mais**.

O rei **Artus**, quando volta, também, à sua Pátria secreta, e todo ferido da batalha que acabava de sustentar, diz, de dentro da sua barquinha, para o seu amigo (um dos **Doze Cavaleiros da Távola Redonda**) chamado **BELOVEDYE**, com o significado de «**Bela autora**», «**Belo Dia**», que também se dá a **AGARTHA** etc.: «Ó meu valente e bondoso amigo **Belovedye**, preciso andar ligeiro, antes que seja tarde, pois tenho que alcançar o meu País antes que anoiteça. Ali é a Terra onde não chove, não cai granizo, ninguém adoce, muito menos, morre»... E assim falando, tal como **LOHENGRIN**, desapareceu, como se fora o próprio Sol ao deitar-se no **OCIDENTE**, deixando a Terra viúva da sua **Luminosidade**... Assim acontece com os Homens dessa estirpe, quando desaparecem da face da Terra. Não ficou escuro o momento em que Jesus exalou o último suspiro? Raios, coriscos, trovões emprestavam àquele doloroso quadro... o tom severo da **Censura de Deus**, contra a morte de seu Filho!

O rei **Artus** e seus **Doze Cavaleiros** simbolizam o **SOL** central de nosso sistema. E as suas **Doze casas** ou signos do **Zodiaco**, que dos sete astros também o são, nas suas diversas formações cíclicas do ano (e representando cada dia da semana). E todos eles tendo por governantes, os sete Anjos de Presença, os sete Arcanjos da Igreja, os **Dhyán-Chohans** transhimalaios, finalmente, as **Sete Chamas do Luzero celeste**, as **Sete Trombetas da Visão de Ezequiel**. Finalmente, os **Sete Kumaras**, estando em função na Terra, só quatro que a governam, e mais um quinto, do **Divino**, para que este, por si só, equivalendo a **TRES** seja a **Triade Superior**, o mesmo **Supremo Arquitéto**, que de cima governa... Tudo mais, **Mistério, Enigma!** Mas também, **Transformação, Superação, Metástase!** Sim, **Transformação dos ciclos, Superação dos acontecimentos, Metástase dos avatares!**

MANÚ — O verdadeiro **Cabelro**, condutor de gado, ou guia de um clan, povo, civilização, etc. é o **Manú**, cujo termo provém do **Manas** sânscrito, com o significado de **Mental, Inteligência, Sabedoria Perfeita**. No inglês, **Man** é o **HOMEM**, do mesmo modo que no germânico. No nosso próprio idioma, o termo **HOMEM** trás consigo a sua origem, o **MEM** final, etc. **Moisés** ao voltar do **Monte Sinai**, onde teve ocasião «de contemplar a Luz face à face», o povo hebreu quando o ouviu falar de modo estranho, ou superior à maneira que falava anteriormente, exclama: **Man-hú?** «que quer dizer isto?» Muitos interpretam como «o **Maná**

caído do céu, não ser mais do que alimento físico, para o povo faminto. A verdade, porém, que é uma exclamação de espanto diante do Verbo **Inflamado de Moisés**, e até, incompreendido para muitos dos que o acompanhavam. **Sim, Manas, Manú, o Homem, a Inteligência, e também Maná**, são termos que se correspondem.

PONTIFICE — Este termo que, em nosso idioma, significa: **Dignatário eclesiástico, ministro do culto de uma religião, bispo, prelado, etc.**, e como **SUMO-Pontífice, O Papa**, no seu sentido esotérico ou iniciático, quer dizer: «o construtor de ponte». E isto no sentido alegórico de «conduzir de um lado para outro (ou do mundo terreno para o divino), as almas salvas por Ele. No Egito já havia os **Pontífices-pyronios**, que são os mesmos **Maha-Chohans**, das tradições indo-himalaias.

Em algumas tradições antigas, o **ARCO-IRIS**, era «a ponte que conduzia essas mesmas almas de um mundo para outro». Do mesmo modo, era chamado de «**Fio de Navalha**», pela dificuldade de se alcançar o outro lado, ou mundo divino. E como o **arco-iris** seja formado pelas **SETE CORES** do espectro solar, além de representar os cinco **Tattvas** ou **forças sutis da Natureza**, agindo de modo objetivo, outros dois agem pelo quinto, de modo subjetivo... O mistério é por demais transcendente para ser aqui desenvolvido. Digamos, apenas, que cada uma dessas cores representa um dos sete estados de consciência através dos quais tem de evoluir a Mônada, de acordo com as sete raças, sub-raças, ramos e famílias, que formam a evolução completa de uma Cadeia, Ronda, etc.

Jeanne d'Arc, a Jina do **Arco**, da **ARCA**, da **Barca** ou da **AGARTHA**, pois de ser **Joana**, não podia deixar de ser **Jina**, por sua procedência ou País de origem, na razão do **Dzyan, Dzan, DJIN**, termos tibetanos, mas o último, também árabe. Para não falar do **TZINGARO, DZINGARO, ZITANO, GITANO** ou **Cigano**, cuja Pátria nunca foi a **Tzingaria** ou **Dzingaria**, como querem outros e já o provamos num estudo intitulado **O MISTÉRIO DOS CIGANOS**, no entanto, tais nomes encobrem esse mesmo mistério, por serem de origem **JINA** ou **DJINA**, com o significado de «**janelas amarelas**». Sim, porque o verdadeiro nome secreto de tal raça, expulsa de longínquo País, que na face da Terra não se acha... é o de **CARAMARA**, uma forma depravada ou inferior dos excelsos termos **MAKARA** e **KUMARA**, ficando-lhes a escolha de **ASURAS**, para quando redimidos forem... pois que outros desse mesmo Nome, «como Filhos do hálito divino», são os maiores auxiliares que possuem os gloriosos **KUMARAS**, ao lado dos **MAKARAS**.

E assim, imitando **LOHENGRIN**, voltemos ao nosso País terreno, que é o da **SOCIEDADE TEOSÓFICA BRASILEIRA**, Lugar Único no mundo, onde se ensinam tais coisas. E isto, porque, a nossa Missão não está ainda acabada... a menos que, a **MORTE** nos venho arrebatara desse **Sonho deífico**, transformado em **REALIDADE**, por ser o **FRUTO PRECIOSO DA DIVINA VONTADE**...

AT NIAT NIATAT! «Um Por Todos. Todos Por Um!» é frase desconhecida por ser de origem **Jina** ou **Agartina**, que hoje aos «**Sedentos de Luz**» oferecemos para que, se o quiserem, entrem em comunhão mental conosco, tôdas as noites às 20 horas!

AT NIAT NIATAT, também significa **PAZ A TODOS OS SERES DA TERRA!** **AUM!**

São Paulo, 3-4-953.



COMUNICADO AOS LEITORES

A Direção de "O LUZEIRO" comunica aos senhores leitores que, a contra gosto, foi obrigada a fazer um acréscimo nos preços dos números avulsos e das assinaturas, para contrabalançar as despesas crescentes. Os novos preços fixados, são:

Assinatura anual:	f	Para todo Brasil: . . .	Cr.\$ 50,00
		Estrangeiro: . . .	Cr.\$ 60,00
Numeros avulsos:	f	Do mês . . .	Cr.\$ 5,00
		Atrazados . . .	Cr.\$ 8,00

O SENHOR DOS PASSOS DA AJUDA (1)

ATRAVÉS DA HISTÓRIA E DA LENDA — UM
LIVRO INTERESSANTE

A imagem que estampamos ao lado é uma das mais famosas do país, graças aos mistérios que a envolvem e que a tradição mantém vivos na memória do povo. O Senhor dos Passos da Ajuda, que tem a estatura de um homem, cujos cabelos, por sinal, pertenceram ao Supremo Dirigente da S.T.B., Prof. Henrique José de Souza (além de parte destes cabelos, do então menino Henrique, se encontrarem numa imagem que se acha no Museu do Templo da S.T.B., imagem esta que pertenceu a seus pais, e o restante com a família de sua madrinha, na capital baiana), tem já uma história que o povo guarda e os historiadores registram.

Num recente folheto, recebido pelo Prof. Henrique José de Souza, de S. Excia. o Sr. Prefeito da cidade de Salvador, por intermédio de S. Excia. o Prof. Luiz Monteiro Menezes da Costa, Diretor do Arquivo Municipal, intitulado «A Igreja da Ajuda e a Devoção dos Passos», conta-se a história da desavença havida entre a irmandade e a comunidade carmelitana. Certa vez, no dia da procissão — diz o folheto — ao chegar no alto da ladeira do Pelourinho, a Irmandade, em vez de retroceder, como era de uso, continuou pela Porta do Carmo até a Igreja da Ajuda, onde recolheu a imagem, muito embora o protesto dos frades. A Irmandade dos Passos, na Ajuda, recusou-se a entregá-la aos carmelitas. Disso resultou — diz ainda aquela publicação — renhida contenda entre frades e Irmandade, até que num dia de procissão procuraram os carmelitas se apoderar, à força, da imagem, quando esta passava pela Baixa dos Sapateiros. Verificou-se então o milagre: «apareceu uma nuvem tão cerrada de mosquitos entre a procissão e os frades que estes, reconhecendo o milagre, desistiram da empresa e deixaram seguir a procissão». (Joaquim Alvares do Amaral — «Resumo Cronológico e Noticioso da Província da Bahia — in Rev. do Instituto Geográfico e Histórico — Vol. 47, pag. 139).

Mais adiante, embora incrédulo, diz o folheto: «O Bom Jesus aborrecido com a irreverência dos soldados lusitanos, transformando a Igreja do Carmo em satábarbara, abandonou-a miraculosamente em noite de muita chuva, sendo encontrado pela manhã na Ajuda, com a túnica encharcada. Tal prodígio ocasionou indizível espanto na cidade. Compreendendo a maravilha, a Irmandade deixou de reconduzir o bento vulto para o Convento».

A atual igrejinha que, segundo nos informa o referido folheto, não lembra sequer aquela edificação que vinha do passado longínquo, do primeiro século da civilização, ainda mantém bem aceso o culto divino a que até hoje são convocados os fiéis, pelo pequeno sino trazido por Pero Sardinha, primeiro bispo do Brasil.

(1) Transcrito do órgão oficial da S.T.B., a revista Dháraná n.º 2-3, de 1952.

(*) Este formoso soneto «A Cristo Crucificado» é de autor incerto. Foi atribuído a Santa Tereza de Jesús, a Santo Ignacio de Loyola e a São Francisco Xavier. A questão não está resolvida. O autor expressa nele, com grande subtilidade, os sentimentos comuns aos místicos dos séculos XVI e VII.



SONETO

(A CRISTO CRUCIFICADO)

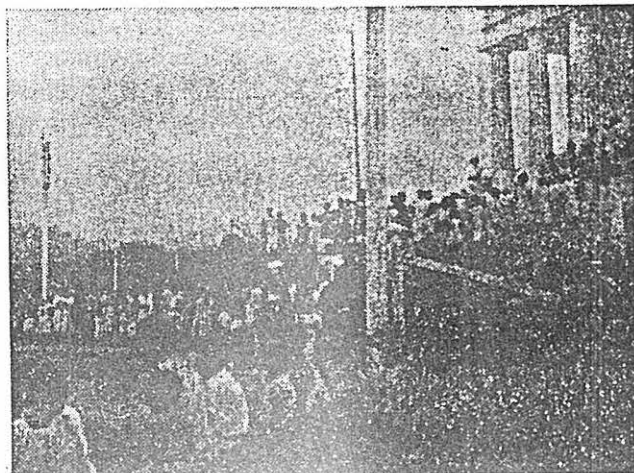
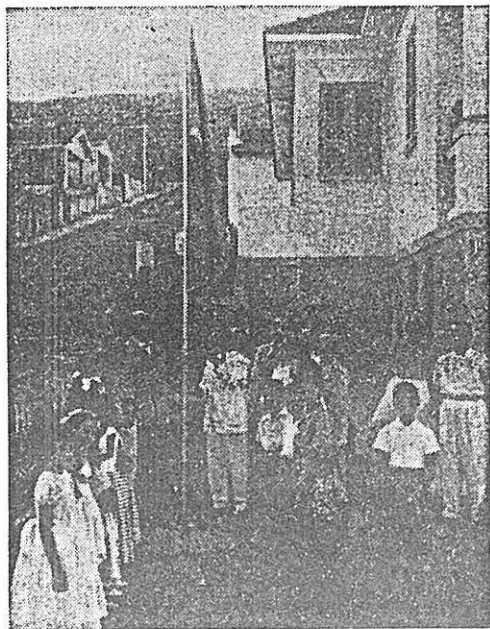
*No me mueve, mi Dios, para quererte,
el cielo que me tienes prometido,
ni me mueve el infierno tan temido
para dejar por eso de ofenderte.*

*Tú me mueves, Señor; muéveme el verte
clavado en una cruz y escarnecido;
muéveme ver tu cuerpo tan herido;
muéveme tus afrentas y tu muerte.*

*Muéveme, al fin, tu amor, y en tal manera,
que aunque no hubiera cielo, yo te amara,
y aunque no hubiera infierno, te temiera.*

*No me tienes que dar porque te quiera;
pues aunque lo que espero no esperara,
lo mismo que te quiero te quisiera.*

AINDA AS SOLENIDADES DA S. T. B. ESTE ANO EM S. LOURENÇO

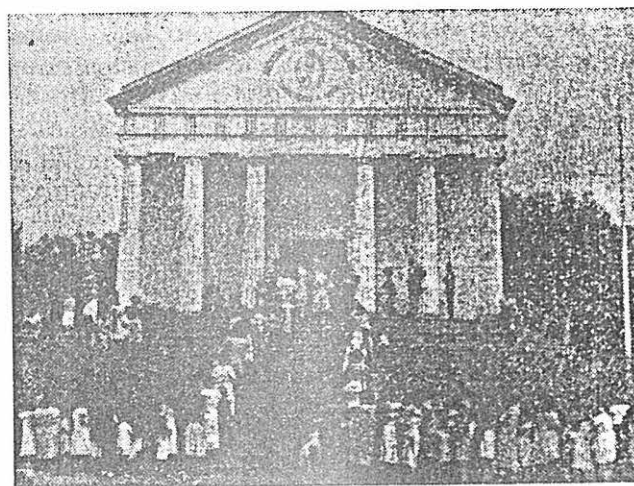


As filas enormes dos portadores de cartões para os brindes de NATAL da S.T.B. E que este ano ultrapassaram a expectativa.

O General Dr. Cicero Pimenta de Melo acaba de astear o Pavilhão Nacional no mastro de Vila Helena, residência dos Chefes da Obra em que a S.T.B. está empenhada — Prof. Henrique José de Souza e sua digna esposa D. Helena Jefferson de Souza. Como auxiliares da primeira solenidade do dia 24 de Fevereiro p.p. foram escolhidos os seguintes Membros da Instituição: o ilustre homem de letras e Diretor Geral da S. T. B. e da Redação de O LUZEIRO, que se edita nesta capital. Luz, da Fôrça Púbrica de São Paulo. E o sr. Luís Boschetti, Vereador na Câmara de Santo André, membro da Diretoria da «Santo André Sociedade Cultural-Espiritualista», filiada à S.T.B. da Redação de O LUZEIRO, que se edita nesta capital. Além de outros Membros das fileiras da S.T.B., dentre eles, o sr. Antonio Braga, Presidente da referida Instituição de Sto. André e Diretor-proprietário de conceituada fábrica de Produtos Químicos naquela localidade. E' aquele que está de branco e de mãos para trás, no canto do prédio. O primeiro da fila à direita, por trás dos pequenos, é o conceituado e ilustre médico Dr. Oswaldo Loureiro, Chefe da Enfermaria de Senhoras do Hospital S. Francisco de Paula, na capital da República. A seguir, o sr. Almir Barbosa de Sousa, elemento de destaque na S.T.B. e também, da ORDEM DO SANTO GRAAL, figurando entre os seus 32 Principais Fundadores. No mundo social, é um dos prestigiosos auxiliares do Banco do Brasil, nesta capital.

Do lado direito, ou solar, a fila composta de sete meninos. Do esquerdo, a lunar, composta de sete meninas.

Consultando-se o número anterior deste periódico, o último cliché ou nono, revela o grande número de membros da S.T.B. que se achava na varanda e na escadaria, assistindo a referida solenidade. E a seguir, tomaram parte no enorme cortejo de automóveis, jeeps e charretes, em direção à VILA CANAÁ, onde se acha o Templo da S.T.B., para a seguinte solenidade daquele dia, que foi: o asteamento das Duas Bandeiras: do Brasil e da Missão em que está empenhada a mesma Instituição.



Duas filas dos mesmos portadores de cartões se formam em baixo, e na escadaria do Templo, afim da distribuição ser feita com a maior disciplina e vantagem para os próprios portadores de cartões. A fotografia dá a impressão de um «T» de cabeça para baixo, ou melhor, uma cruz ANSATA, que, em verdade, é a representação da «Mónada». Era a Cruz usada no velho Egito.

Afastai sempre os olhos das imperfeições de vosso próximo, voltando-os para as vossas próprias imperfeições afim de lhes dar remédio".

"Quanto mais honêsto se é mais dificilmente se suspeita que os outros o não sejam". (Seneca)



Uma bela fotografia do frontespício do Templo, banhado pelos raios do Sol que iluminavam a cidade de S. Lourenço, na radiosa manhã de 24 de Fevereiro de 1953. O Presidente da S.T.B. — acompanhado de sua esposa e filhos, tem por trás a guarda da ORDEM DO SANTO GRAAL: no centro, carregando a Bandeira da referida Ordem, um GORO (em língua sagrada, sacerdote, guerreiro, etc.), com as respectivas Colunas sustentando a tradicional «lança» das Ordens secretas da Idade Média, etc., ou sejam: um CAVALEIRO e um ARQUEIRO. Os 2 Pavilhões — o Nacional e o da Obra — acabavam de ser içados, após as palavras proferidas pelo Prof. Henrique J. Souza. E sob as vibrações dos dois Hinos — o Nacional e o da Missão. Enquanto as explosões dos foguetes repercutiam por todos os recantos da privilegiada estância de S. LOURENÇO.



Fotografia do quadro descrito no cliché anterior, visto de próximo.



Um grupo de membros da S.T.B. — dos que vieram de toda a parte do Brasil para assistir as solenidades de 22 a 28 de Fevereiro do ano corrente — na parte mais alta da «Montanha Sagrada», ou seja, o mesmo Lugar onde em 1921 — por meio de excelso «fenômeno», como já temos descrito em outros estudos, e na própria História da Obra em que está empenhada a S.T.B. — receberam o Bastão do Comando espiritual dessa mesma Obra, os seus Dois Dirigentes.

Fenômeno idêntico figura na História da fundação da capital peruana (a cidade de CUSCO), «quando o Manú MANCO-CAPAC da 1.ª dinastia inca, ao lado da sua «contraparte» ou esposa, MAMA OCLO (ou Mama-Coya — Mama ou Mãe — e Coya — povo, isto é, a Mãe de um novo povo, enquanto seu esposo, o Pai, este «ensinando os homens na cidade alta ou «a cabêça como lugar do mental, da inteligência», etc. E ela, às mulheres, na «cidade baixa», ou as coisas do lar, da vida doméstica, inclusive, as funções maternas...), dizlamos, «tendo recebido do céu «o Bastão ou Cêtro idêntico ao nosso — digamos ainda, «o de Dirigente de um Trabalho ou Missão de ordem espiritual» e vindos de misteriosa «ILHA» (como nós, ainda, a de ITAPARICA, para não revelarmos a verdadeira região ou «ilha», como aquela de Lohengrin) atiram no lugar onde a mesma cidade devia ser fundada, o referido BASTÃO, dando-lhe aquele nome, isto é, de CUSCO, com seus vários significados, inclusive, «brilhante», «radiosa», «misteriosa» ou «secreta», etc. E quanto à conhecida Montanha que lhe fica perto, ou seja, MACHU-PICHU, ou Manchu-Pichu, por nós já chamada de Montanha do «Manú-Peixe», ou Manus-Piscus, Piscis, etc. Além do mais, por ter o ciclo desse signo zodiacal, de ser substituído, no começo do século XXI, pelo de Aquarius, ao qual é dedicado o nosso Templo. De resto, o nosso lema SPES MESSIS IN SEMINE, «a esperança da colheita reside na SEMENTE», aponta a Nova Civilização ou Era para a qual estamos trabalhando. Quanto ao nome de nossa «Montanha Sagrada» — já cognominada de «capital espiritual do Brasil», pelo maior gênio de nosso século, que foi o grande cientista e polígrafo espanhol Dr. MARIO ROSO DE LUNA — possui o nome esotérico: LOURENÇO (do lugar ou estância) e do Manú que as próprias tradições orientais chamam de PRABASHA-DHARMA, «o Portador da Lei», firmando assim as 3 iniciais L.P.D. que figuram nas diversas passagens de nossa Obra, para não fa-

“TRABALHAR, AMAR E PERDOAR, EIS A NOSSA DIVISA”.

(H. J. SOUZA)

OS ENSINAMENTOS ORIENTAIS E A GEOLOGIA (I)

OS TRÊS CONTINENTES:

HIPERBOREO, LEMURIANO E ATLANTE

(II PARTE)

Mario Roso de Luna

Antes de falar do terceiro continente ou lemuriano, convém consignar de passagem, algumas idéias que em nossos dias começam a ser aceites entre os geólogos.

Por importante que seja a água nos **proteísmos** evolutivos do planeta; por mais extensa que seja a zona terrestre coberta dos mares e a grande profundidade de alguns destes, é um fato que a partir de um nível geral, pouco ou nada superior a oito ou dez quilômetros sob a superfície marítima, a terra é um esferoide completamente coberto por uma capa solidificada, análoga à película de toda massa esferoidal fundida, quando chegou a certo grau de esfriamento, enquanto que o mar é um mero acidente da dita crosta.

Isso quer dizer que o mar mais extenso e profundo, por exemplo, o Pacífico, não passa de ser, geologicamente, uma espécie de lago, enquadrado pelos Andes, o massiço antártico e as cordilheiras fronteiras de nosso velho continente e, isso é tão certo, que desde os mais elevados lagos de montanha, como o Titicaca e os dos Alpes, se passa até ao tipo do lago pelágico, valha a frase, ou seja o Oceano, por uma gradação insensível, de que servem de exemplo, o Aral, o Caspio e ainda o próprio Mediterraneo, lago também em alguma época, de acôrdo com a lenda de Hercules.

A aplicação das hipóteses astronômicas às geológicas da formação da Terra, supõe para esta uma origem ígnea seguida de um progressivo e secular esfriamento produtor da película sólida de nosso esferoide, tanto nas partes que afloram ao nível do mar, quanto naquelas outras, quatro vezes mais extensas, que constituem os leitos marítimos.

Por conseguinte, devemos admitir, de acôrdo com as mais antigas e também com as mais recentes teorias geogénicas, que, possua a Terra um núcleo metálico, ou careça dele, existe debaixo de nossos pés, como debaixo das bacias marítimas, um verdadeiro oceano de fogo, sujeito a leis que são pouco conhecidas, porque à colossais temperaturas se juntarão pressões enormes, realizando o ideal químico de uma matéria sujeita, ao mesmo tempo, às leis dos gases e às dos sólidos. Deixando de parte as confirmações dessa teoria, deduzidas dos últimos fenômenos sísmicos, por não ser essa a nossa incumbência de hoje, encontramos, pois, que a crosta terrestre está apoiada, não em um oceano de água, mas de fogo e sobre este fato fundamental se há de apoiar todo o mecanismo das formações continentais.

Supondo-se sobre o dito mar ígneo uma primeira capa sólida, tal como parece ser o granito, todos os aparatósos fenômenos de elevações e desaparecimentos de continentes, podem reduzir-se a leis mui simples, a meras oscilações ou balanços análogos aos de um navio no mar, salvo as naturais diferenças de espaço e tempo. De acôrdo com as leis volumétricas, bem conhecidas, é natural que uma vez formada a primeira capa sólida do esferoide terrestre, as contrações de volume, devidas a esfriamentos sucessivos, propendessem a imprimir-lhe uma forma tetraédrica, porque entre os sólidos de igual

superfície, a esfera é a forma de maior, e o tetraédro a de menor volume. Hoje mesmo, em um globo de relevo, podemos apreciar esta última forma com os quatro vértices correspondentes, um no massiço asiático, outro no europeu, um terceiro na América do Norte e o quarto no continente antártico. Nossos mares representam as faces correspondentes do tetraédro.

Prescindindo das erosões produzidas na superfície terraquea, pelos agentes exteriores, as ações desconhecidas devido à diferente condutibilidade dos sólidos e líquidos para o calor, devem imprimir, na superfície interior da crosta sólida que toca com a massa ígnea imediata, fenômenos seculares de variação de volume que, transformando as leis de equilíbrio, façam oscilar as massas continentais, como os braços de uma balança quando se mudam os pesos de suas conchas. Que algo semelhante deve ocorrer nos continentes, parece indicar a própria orografia, pois, em lugar de estarem colocadas suas cordilheiras principais para a metade da superfície continental, acontece que se apresentam muito mais perto de uma costa que de outra, tal como o barco que rara vez se afunda guardando a posição horizontal e inclinando-se sobre uma ou outra borda. Assim, o **barco** asiático aparece afundado do lado Sudeste, o europeu do lado Sul e o americano do lado de Oeste.

Supondo-se a continuidade da crosta sólida terrestre sobre e sob o mar e a tendência deste a cobrir as partes mais baixas, um mero balanço, insensível para o centro e apenas de uns milhares de metros para os extremos, foi suficiente para estabelecer a solução de continuidade ou o enlace do continente hiperboreo com o seu sucessor o lemuriano ou antártico. O mesmo movimento que sepultou a parte central do primeiro, ora da Groenlandia, ora de Spitzberg, ergueu o segundo com o centro da Australia e Nova Zelandia ou Madagascar. Grande parte das comarcas intermediárias, tais como as vizinhas ao Mediterraneo e aos Estados Unidos, puderam ficar incólumes ou pouco sofrer com um e outro fenômeno. A grande abundância de terrenos secundários (triássico, jurássico e cretáceo), na Espanha, França e alguma outra região, talvez esteja mais relacionada do que se crê, com a sua própria posição geográfica para a metade do caminho entre ambos os centros continentais.

Chegados aqui, sai-nos a caminho, uma grande dificuldade geológica e paleontológica, porque excluídos os seres primordiais, cuja vida se desenvolveu, indubitavelmente, debaixo das águas do mar, os fósseis dos terrenos ulteriores, ora vertebrados, ora moluscos, correspondem a seres cuja vida foi marítima para uns e terrestres para outros; porém, admitidas as teorias continentais que antecedem, os fósseis marinhos que apresente um terreno, tais como os moluscos, devem logicamente datar de uma época anterior a dos fósseis terrestres que pode apresentar o mesmo terreno, embora que estejam mais ou menos confundidos com eles.

Por exemplo, não devemos atribuir os moluscos marinhos encontrados na Austrália, como se faz, ao terreno secundário, em cuja época já havia saído do fundo do mar o continente lemuriano de que a Austrália fez parte, mas à época primária ou de maior esplendor do continente hiperboreo, na qual a futura Lemuria antártica jazia debaixo das águas, em condições adequadas para semelhante fauna pelágica. Do mesmo modo, o peixe silurlano não pertencerá, talvez, ao período silurlano, em que o continente hiperboreo já havia aflorado à superfície das águas, mas sim, à uma época anterior; a da Ilha Sagrada, por exemplo, ou época primordial, como diríamos nós. Os peixes atuais aparecerão algum dia como fósseis nas sedimentações de um continente, futuro leito de mares, juntos ou mais ou menos confundidos, com os da fauna terrestre correspondente a esse continente, dos quais estarão separados, entretanto, por um imenso período.

Não há que dizer si este critério tão elementar introduz ou não uma profunda modificação nas nossas idéias sobre palentologia. Um **labirintodonte** ou um **microcestes** do período triássico, um como anfíbio, outro como mamífero, estão provavelmente separados das **trigonias** e **posidonias**, que se incluem no mesmo terreno, porque nele se vêm juntos, por um abismo de milhões de anos; as segundas viveram sobre tal terreno enquanto ele esteve sob as águas, enquanto que os primeiros se desenvolveram sobre o mesmo, quando já havia surgido à superfície. Daí o dever de nos impormos uma grande cautela para julgar a respeito da simultaneidade da vida por encontrarmos fósseis de habitat diferente na mesma jazida, prescindindo da diferença de meio e, portanto, de tempo, que tal coincidência de estarem juntos na mesma camada, obscurece.

De acôrdo com estas idéias, há que distinguir em cada formação dois periodos sucessivos: um, o de sua sedimentação marítima, caracterizada por fósseis pelágicos, tais como peixes e moluscos, e outra, o de sua elevação, indicado por fósseis terrestres tais como os mamíferos, resultando assim dos tempos do primeiro continente desconhecido, todos os fósseis marinhos do período primário até o terreno de Perm; dos tempos do segundo continente ou hiperboreo, todos os fósseis marinhos classificados hoje como secundários; dos tempos do terceiro continente lemuriano, todos os fósseis de igual classe atribuídos hoje à época terciária, etc.; ou, em resumo, todo terreno mostra em seus fósseis aqueles dois periodos e é preciso distinguir, como nos seres vivos, o tempo que pudéssemos chamar de gestação de cada terreno nos profundos seios dos mares e, o tempo ulterior de seu nascimento sobre as águas, ou seja, já com fósseis terrestres.

Não vamos repetir aqui quantas demonstrações se têm feito, desde Lamark e Darwin, a respeito da existência do grande continente lemuriano. A fauna e a flora da Austrália, com o que conhecemos do massiço antártico, revelam uns tipos completamente distintos da fauna e flora boreal. Muitos escalões perdidos destas se acham entre os tipos fósseis e atuais daquela, como se entre ambas mediasse um abismo em espaço e tempo, sendo a Índia, a única região da Asia que se relaciona mais de perto com o dito continente australiano-mascarenho. O cúme mais típico, talvez, dos poucos que perduraram fóra das águas desde aqueles dias, é o da Ilha de Paschoa, tão rica, além disso, em monumentos arqueológicos.

O continente lemuriano, entretanto, não apresentou fósseis humanos para a ciência, pelo que, ainda que esta o admita pelas ditas razões, não o aceita como berço de seres humanos, apesar das tradições orientais e os anais religiosos, conservados no **Adyta** de certos templos tibetanos, nos falarem dele como sendo o primeiro continente habitado pelos homens mais parecidos aos da época atual e separados já em sexos, depois de um longo período em que foram andróginos, como tantos outros organismos em seus primeiros periodos e como o próprio feto humano, antes do quinto mês de gestação. Essas pobres raças de papúas e tasmânicos, próximas da extinção, são os restos degenerados dos que formaram outrora opulentos impérios, dos quais nada sabe a nossa ciência contemporânea, como nada sabe, tão pouco, dos ulteriores que floresceram na Atlantida, o primeiro, todavia, dos continentes históricos cujos ecos chegaram até Platão.

Copiemos a conhecida passagem do Timeu, onde se fala da grande catástrofe do afundamento da Atlantida, de que conservam lembrança tôdas as grandes religiões, embora que o tenham desfigurado sob o véu do mito, tal como sucede com a própria Biblia na passagem da saída do Egito e da catástrofe do Faraó.

Um dia em que Solon conversava com os sacerdotes de Sais a respeito da história dos Tempos Remotos, um deles lhe disse: «— Oh! Solon, Solon, vós os gregos, sereis sempre crianças. Nenhum de vós deixa de ser frívolo e inexperiente em tudo quanto concerne às tradições antigas. Ignorais o que foram aqueles heróis de que sois a progenie degenerada».

«O que vou relatar remonta a nove mil anos. Nossos livros contam de que maneira resistiu Atenas aos

(Conclue no próximo numero)

O PROGRESSISTA

Sob o titulo em epigrafe, acaba de ser lançado, em Belém do Pará, mais um jornal de membros da Sociedade Teosófica Brasileira, que tem, assim, aumentada a sua já extensa rêdes de jornais e revistas, espalhada por todo território Nacional. E' seu Diretor-gerente, o ilustre membro da S.T.B., Dr. Carlos Lucas de Souza, que também é Secretário Geral da Prefeitura de Belém, tendo já ocupado, interinamente, o lugar de Prefeito da referida cidade. Tendo um caráter eclético, «O PROGRESSISTA» será, no entanto, um ardoroso defensor dos ideais políticos e filosóficos do Povo Brasileiro. Em seu primeiro número de Março, entre outros trabalhos de grande valor, destaca-se a Secção de **Conselhos Úteis**, transcrita de «O LUZEIRO», como brinde cultural aos leitores de «O PROGRESSISTA». Que este periódico, fazendo jus ao seu nome, possa concorrer para o progresso material e espiritual do Povo Brasileiro, são os calorosos votos de «O LUZEIRO», unindo, num fraternal amplexo, os brasileiros do Norte e os do Sul.

IMPRESSO NA

GRÁFICA IRMÃOS GIBIN S. A.

Rua Carnot, 94 - S. Paulo